



MEDICINA ACADÊMICA X CURANDEIRISMO: O CASO SANTO ONOFRE DÉCADA DE 1930: VACARIA/RS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3442

Erotildes Fofonka Cunha, FAPA

Resumo

A prática do curandeirismo sempre esteve muito presente no dia-a-dia da população brasileira. Mas a essa cultura popular, suas tradições e crenças, foi normalmente denunciada como charlatanismo. Logo, tratando-se dessa problemática, o presente artigo analisa a repressão às práticas de cura de Santo Onofre, pela classe médica científica, no Sul do Brasil, na década de 1930. O trabalho tem o objetivo de evidenciar o confronto entre estas categorias no âmbito da arte de curar. Pois, constata-se que os médicos acadêmicos para alcançar seus objetivos, fechavam o cerco contra os charlatões. A metodologia aplicada na análise teve como fonte central o acervo documental e as referências bibliográficas. Com esta perspectiva o trabalho histórico destaca o papel sagrado do curandeiro, a partir de um contexto de exclusão social, entretanto, dominado por um cenário sociopolítico controlado pela classe médica acadêmica. Observa-se que as diversas categorias articulavam suas práticas de tratamento das doenças com o intuito de salvar vidas, mas a convivência entre médicos e curandeiros nem sempre foi harmoniosa. Daí a violenta repressão que muitas vezes impediu a manutenção da cultura tradicional.

Palavras Chave:

Medicina científica;
Cultura popular;
Repressão.

Introdução

O curandeirismo, uma das artes de curar, prática comum à humanidade. Porém, amparada em documentos, jornais e processos-crimes que são fontes legítimas para o estudo do tema, e com base nas literaturas consultadas sobre o assunto, identifica-se a influência dos valores religiosos e científicos nos atos repressivos às práticas de cura alternativas. Ainda é possível, através da imprensa e das denúncias às autoridades, verificar que as formas das práticas culturais nas classes populares relacionadas às práticas da cura, o curandeirismo, foram sempre identificadas como a expressão de ações negativas, condenáveis, segundo imposição das normas e forças das classes dominantes, sobretudo, da medicina acadêmica e do aparelho de Estado. A partir daí, justifica-se a importância em destacar que apesar das ações repressivas, o curandeirismo continua exercendo as suas práticas, através dos saberes popular.

A historiografia revela como os diversos grupos sociais articulavam suas práticas de tratamento das doenças utilizando plantas medicinais, homeopatia, benzeduras, entre outros; enquanto os médicos, gradativamente, procuravam legalizar o exercício profissional da classe médica acadêmica, fechando o cerco contra o charlatanismo. Embora, vários estudos apontam que os curandeiros, os pajés, os feiticeiros, dentre outros, no exercício da arte de curar, muitas vezes, estavam ao lado de cientistas. (CHALHOUB, Org., 2003). Outras pesquisas com enfoques significativos sobre o curandeirismo destacam que nos sertões e nas comunidades excluídas, a adoração aos mestres da cura e com fundamentos de fanatismo religioso, tem contribuído para grandes movimentos sociais. Segundo Maria I. P. Queiroz, esses

movimentos *rústicos*, de modo geral têm se apresentado em várias regiões do Brasil. (QUEIROZ, 1963). A monção triunfante de líder carismático também inspira abordagem na história sociocultural. (Derengoski, 1987).

Neste artigo, através de um viés histórico, proponho explorar a influência da prática do curandeirismo exercida por Santo Onofre e a ação repressiva contra as suas atividades, com o objetivo de apresentar a história desse curador que desenvolveu um trabalho clínico tão importante para a população de sertanejos, no interior do Rio Grande do Sul. Exporei, em parte, as notícias publicadas no jornal *Correio do Povo*, da década de 1930, que trata da problemática relativa às maravilhas curativas do curandeiro Santo Onofre. Sua fama ultrapassou as fronteiras catarinenses atraindo as comunidades Planaltina do solo gaúcho. O fato gerou descontentamento à classe médica regional. Consequentemente, o Conselho Médico do município de Vacaria apresentou denúncia crime ao Promotor Público local contra Santo Onofre, por prática irregular no exercício de suas funções.¹ A metodologia aqui utilizada propõe comentar as ideias centrais de alguns pesquisadores sobre o assunto e o exame do acervo documental sobre o tema. Com recorte temporal de 1930-1937, este trabalho se propõe perceber o curandeiro para além do estereótipo exaltado pela imprensa.

As práticas alternativas de cura e o combate ao charlatanismo

Indispensáveis para desvendar sobre o universo tradicional da cultura popular² e do caráter científico é ressaltar que apesar da diferenciação entre as categorias, nada impede que o curandeiro

¹ Não será possível aqui examinar o processo-crime contra a prática de cura exercida por Santo Onofre. O exame completo do processo criminal se dará no decorrer da pesquisa.

² Encaminhado para a seguinte bibliografia: O que é cultura popular, de autoria Elza Rizzo Oliveira. São Paulo: Brasiliense, 1984.

exerça as práticas da cura ao lado do médico acadêmico. Mas em consequência, o relacionamento entre curandeiro e médico, no momento em que a medicina começa a adquirir caráter profissional, os aparelhos repressivos passam a perseguir mais severamente o charlatanismo. Os estudos de Aldrin Figueiredo apud Chalhoub (2003) servem de modelo para se compreender que, de fato, a perseguição e combate ao curandeirismo e outras práticas alternativas de cura ocorreram de maneira muito similar por várias regiões do Brasil. A autora destaca a insistente perseguição aos pajés, no Pará, do século XIX; bem como, dos curandeiros aos sustentar e defender as suas práticas religiosas. Os discursos depreciativos contra a pajelança ganhava força entre jornalistas, sanitaristas e médicos. A retórica científica ganhava *status* de verdade incontestável, porque o método curativo do médico obedecia a uma prova das leis científicas. Mas “a ciência dos médicos, intelectuais e cientistas estava lado a lado, por várias vezes imbricadas, com a *ciência do pajé*.” (FIGUEIREDO, 2003, p.282).

Aldrin Figueiredo ainda registra um fato muito divulgado, em 1894, ocorrido na periferia de Belém. Numa diligência o policial faz uma varredura na casa de um pajé, no momento em que o curandeiro atendia um grupo de ilustres indivíduos da localidade. Foram apreendidos importantes elementos muito úteis ao afamado feiticeiro, um importante pajé curandeiro: maracás, penas, tajás, caroços de tucumã, cigarros de palha de tauri, carajuru, pássaros secos, cachaça, pimenta e outras drogas. Além desse enfrentamento, os pajés do Pará, por vezes, se colocaram evitando os debates em torno de uma questão que extrapolava a medicina e envolvia as fronteiras limites da ciência e da religião. Na verdade, a terapêutica dos pajés era tão aceita e

valorizada por grande parte da população que a concorrência ao lado dos médicos ainda era notória no século XX. E apesar dos embates entre pajelança (práticas curativas populares) e medicina científica, ao mesmo tempo em que os médicos científicos discriminavam o saber popular, geralmente lançavam mão de seus saberes.

Da mesma forma, o confronto entre os médicos e os charlatões no Estado do Rio Grande do Sul perpassa décadas. A historiadora Dra. Nikelen Acosta Witter, a partir de análises de fatos ocorridos no município de Santa Maria/RS, entre 1845 e 1880, quando a medicina era apenas uma entre diversas formas de curar, apresenta a história de uma curandeira que foi denunciada por prática irregular, acusada de comportamento criminoso. A autora analisa o processo de denúncia contra a curandeira Maria Antônia.³ A experiência da negra forra Maria Antônia no exercício da cura e as consequências que se envolveu, somava-se às perseguições que foram fatos comuns no Brasil, desde o período de colonização até o decorrer do século XX, principalmente se fosse índio, preto ou mulher. Mesmo que o curandeirismo fosse uma prática exercida por ambos os sexos, era mais comum associar a mulher curandeira à feitiçaria.

A curandeira Maria Antônia conviveu em um período em que curandeirismo e medicina oficial estabeleciam um dinamismo em seu cotidiano, uma constante troca de saberes no tratamento do doente. Mesmo assim, era muito presente o caráter preconceituoso às práticas de cura populares. Para compreender o curandeirismo no século XIX, a autora destaca:

Primeiro, a medicina não era o saber curador por excelência, mas uma entre diversas outras práticas de

³ Não tratarei em detalhes o caso da curandeira Maria Antônia. Remeto conhecer a obra da autora que estará citada nas Referências Bibliográficas.

cura, muito embora estivesse num movimento de constante conquista de um espaço que pretendia hierarquizar, colocando-se acima e depois eliminando as concorrentes. Segundo, no que se refere ao curandeirismo, retirado o caráter de elemento que se constrói pela oposição a outro saber, pode-se compreendê-lo como uma prática cultural ancestral muito anterior aos conhecimentos médicos. Tais saberes, sempre presentes nos *atos concretos do cotidiano das populações, cristalizados em hábitos, costumes e tradições*, não pode ser tomado como um mero substituto à falta de médicos. O curandeirismo não ocupava um espaço deixado em branco, mas o espaço que sempre ocupava, *oferecendo respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos*, aproximando relações sociais entre as pessoas. [...] A medicina encarnava um tipo de cura diferente, que estava além dos conhecimentos do doente e daqueles que o cercavam. Os elementos sobrenaturais do mundo, por sua longa presença no dia-a-dia e no imaginário de cada um, podiam ser muitas vezes, mais compreensíveis que o desequilíbrio dos humores ou a auscultação do coração. (WITTER, 2001, p. 89-90).

Ainda, tratando-se da questão da medicina, mais especificamente a partir da metade do século XIX, estendendo-se ao longo do século XX, os médicos para sustentar a sua exclusividade dos serviços que prestavam na área da saúde no Brasil, valorizando o conhecimento científico, tendiam a rechaçar o improvisado em procedimento; bem como, desmerecer outras práticas alternativas de cura as classificando, constantemente, como charlatanismo. Entre as diversas maneiras de curar, Elizabeth R. Torresini (2013, p. 54-64) apresenta os médicos diplomados, licenciados, práticos, curandeiros e charlatões que atuavam conjuntamente entre as décadas de 1890 até 1930, no Rio Grande do Sul. Porém, no contexto dessa multiplicidade das práticas de cura, a

conjuntura da atividade médica rio-grandense, nesse período, teve suas dificuldades entre os médicos diplomados e o livre exercício da profissão dos sem diploma, assegurados pela Constituição Estadual, promulgada em 14 de julho de 1891.

Instaurada a norma constitucional, embora o exercício da medicina moderna de aperfeiçoamento acadêmico já consolidado e, com a instalação da terceira Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, em 1898, o governo do Estado gaúcho continuava defendendo a liberdade profissional médica sem diplomação, por mais de três décadas. Desse modo, a decisão não garantia segurança no tratamento da saúde, contribuindo para uma área de conflito que tanto preocupava os médicos diplomados. Consequentemente, mantendo-se as marcas históricas das dificuldades da categoria, entre outros problemas enfrentados pelos médicos diplomados nas instituições hospitalares, de Porto Alegre, nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia (1803/1826) e na Sociedade Beneficência Portuguesa (1854) que eram as poucas oportunidades e recursos para o exercício da profissão médica. Diante dessas contradições, segundo cita a autora: “foram os médicos que dirigiram o ataque contra a liberdade profissional vigente no estado, responsável, no terreno da saúde, por mais um surto considerável de curandeirismo”. (Torresini, p. 68). A luta pela regulamentação da medicina e contra o paraíso dos charlatões no Rio Grande do Sul se prolongou até a aprovação do Decreto nº 20.931, de 11 de janeiro de 1932, durante o governo provisório de Getúlio Dornelles Vargas (1930-1934).

Outra importante pesquisa tratando das condições de saúde e práticas de cura, na República Rio-grandense, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, é apresentada pela historiadora Beatriz Teixeira Weber. A autora trabalha a arte de curar envolvendo

medicina, religião e magia, em um mundo da cura que misturavam a fé, as experiências sociais e a ciência. Ao desenvolver seu trabalho, entre outras questões relevantes, ela busca explorar as relações conflituosas entre ciência e religião. Do ponto de vista das práticas médicas: “permeável à sua própria formação católica e vulnerável à ação da Igreja, os médicos evidenciavam suas dificuldades em dissociar ciência e fé, terapêutica e caridade.” (WEBER, 1999, p. 84).

Esse impasse também se trinchira, e muito, no campo político, durante o período inicial republicano rio-grandense. Falando dos modos da cura que ultrapassavam o âmbito de uma ciência médica, Weber também informa que na década de 1920, época já reconhecida de uma Medicina triunfante, diversas práticas médicas eram ainda aceitas. No âmbito da credence, faz referência ao médico Olinto de Oliveira e, cita um acontecimento: “a extravagância dos procedimentos até levava o Pediatra a sugerir que, muitas vezes, a fé e a esperança seriam os melhores remédios para uma série de doenças que ainda não eram compreendidas.” (Ibidem, p. 90). Com base nesse pressuposto, destaca-se a importância da fé como aliada da saúde. Da mesma forma, foi nesse cenário de liberdade profissional que crescia o combate ao grande número de charlatões que atuavam no Estado gaúcho.

Sobre as questões apresentadas acima, durante as primeiras décadas do século XX, especialmente, após movimento de 30⁴, tratando-se da constituição específica da categoria dos médicos e a exclusão de quaisquer práticos e curandeiros, enquanto não havia uma regulamentação médica no Estado do Rio Grande do Sul, a classe médica se debatia por uma exigência na atividade profissional apenas por diplomados em

universidades. O livre exercício da profissão médica sem o diploma era condenável, com perseguições constantes contra o charlatanismo. Período em que a saúde pública, apesar de alguns avanços nas ações sanitárias, não era prioridade do governo. Maiores desenvolvimentos no setor começaram a aparecer somente após mudança do governo populista.

A construção do fato histórico – o caso Santo Onofre

Considerando que o fato histórico é matéria-prima para o historiador, procurei trabalhar a criação do objeto deste estudo, seu papel social e sua representação, na perspectiva de apresentar essa história segundo Edward Hallet Carr. Para ele, “os fatos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto.” (1982, p. 47). Considerarei, também, outra abordagem importante sobre a questão da construção da história que foi elaborada por Paul Veyne. Conforme Veyne, “a história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso.” (2008, p. 13). Ainda, tratando-se da representação social do curandeiro, faz-se necessário considerar as apreciações de Roger Chartier (1990). Para o autor, em resumo, destaca que a história cultural tem como principal objeto identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída.

Ao que diz respeito à reconstituição do fato, o caso Santo Onofre, a partir das declarações apresentadas no jornal Correio do Povo, exponho fragmentos dos textos que registram a origem clínica do famoso curandeiro catarinense relatada pelo correspondente Manoel Duarte, em 1934. O caso ocorrido em Vacaria, Rio Grande do Sul e municípios arredores, caracterizou-se como um fenômeno de

⁴ Revolução de 1930: historiografia e história, de autoria de Boris Fausto, primeira edição, em 1970.

grande prestígio curativo o exercício clínico de Santo Onofre, que transpunham as fronteiras gaúchas, onde se erguera o fraterno chamamento da credence popular. Suas práticas de cura passaram a ser identificadas como uma humilde crônica de todas as audácias felizes, imbricadas de estranheza.

É curioso para compreender como se constituía a visão da doença e a busca da cura, o fato de que a repercussão dos serviços do curandeiro Santo Onofre, desde o início, conforme relato através da imprensa jornalística, era considerada uma sorte lançada, com êxito misterioso e supersticioso, tudo se reduzia a uma revelação providencial. Segundo informa o respectivo jornal, dando ênfase ao que envolvia a ação do curandeiro: “do nada se tecem grandes destinos.” (Correio do Povo, 21 de fevereiro, fl 3). Tudo era visto como a vitória dos audazes de origem arrojada e de uma aventura que se apresentava à credence popular sem timidez. Também, considerada uma legenda promíscua, pela credulidade satisfeita e pela exagerada fantasia às alturas do maravilhoso, o Santo Onofre.

As práticas curativas de Santo Onofre não se apontam como um caso isolado. Também não se constituía um fato novo. Porque era reconhecido pelos interiores sertanistas, na tragédia da vida contra a morte, o curandeiro sempre surge como o símbolo do bem, tutelar e supremo. Através das suas palavras mágicas e santas o curandeiro atua com o propósito de dar crédito a uma população

inocente e rústica, recolhida em seus mistérios, como uma inspiração divinatória.

Onde quer que apareça o desespero, o desengano, a aflição estonteante, - eis que esporta das trevas o bom augúrio do consolo heroico à misticidade crendeira. A bronca ingenuidade popular precisa de enlevo propício ao banzamento da própria ilusão sem horizontes, nem preceito de realidade positiva. Imprime no inofensivo truque do feiticeiro, do benzedor afamado, a própria imaginativa ambiente da mentalidade sua primária e merencoriamente asfixiante. Tal a aspiração divinatória do anseio indefinido. (Op. Cit., 21/02/1934, fl.3).

Sendo o caso Santo Onofre herdeiro de uma tradição, que deve ser percebida em meio ao saber médico, como agente da medicina popular no referido espaço, para atender as caravanas de consultantes aflitivos, combinava com os enfermos para consultar em grupo. No dia aprazado, reunida em comício a leva de doentes, ele trabalhava incessantemente até examinar o último cliente. O Correio do Povo, de acordo com a visão do redator, resume a questão do processo diagnóstico desse curandeiro na indagação ao doente, da seguinte maneira: pede-lhe o polegar da mão direita e, com a lente grosseira, examina-lhe detidamente a unha, em suma sentença, receita-lhe ervas da nossa flora que é riquíssima.⁵ Quando

⁵ Como forma alternativa ou complementar aos medicamentos da medicina oficial, “a utilização de plantas medicinais é uma prática generalizada na medicina popular. É o resultado do acúmulo secular dos conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais, por diversos grupos étnicos. [...] No Brasil, além da assimilação dos conhecimentos indígenas, as contribuições trazidas pelos escravos e imigrantes representaram papel importante para o surgimento de uma medicina popular rica e original, na qual a utilização de plantas medicinais ocupa lugar de destaque. [...] alguns fatores têm contribuído para o aumento da utilização de tal

recurso, mesmo em camadas sociais que até então não empregavam: a crise econômica, o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica e farmacêutica, bem como uma tendência generalizada dos consumidores em utilizar, preferencialmente, produtos de origem natural.” Ressalta-se: “O uso pouco cuidadoso de plantas medicinais, fora de seu contexto original e sem respaldo acadêmico, tem dado origem a intoxicações, atribuíveis aos efeitos já conhecidos da planta ou ainda ao uso de planta errada, por confusão na identificação das espécies.” (SIMÕES e outros Orgs. 1995, p. 9). Sobre as

um doente liberado, já vinha outro cliente.

O jornal *Correio do Povo* atendo às notícias destaca que, a maravilha da cura do curandeiro errante, Santo Onofre, o médico de Lages, Santa Catarina, já salvou desenganados e, seguia resistindo com a propaganda inocente da fama e do êxito seguro. A análise apresentada no noticiário coloca o curandeiro e a feitiçaria como se fosse o mesmo conjunto de saberes. Combatê-lo, segregá-lo, deportá-lo! Como se essa multidão compreende e, por qual compreende Onofre? Ou seja, diante das condições socioeconômica e cultural dos sertanejos - parece inútil afugentar credence, se não consiste em despertar a imaginação, de instrução profissional, para tirar-lhes das trevas e por fim da visão a catarata eterna, sugere o redator. Mas, como miniatura simbólica da Pátria, exaltar-se-á o amor baírrista. Isso configura a contemplação do infinito ideal que o interior conhece, apenas. Porque, em verdade, lhe falta o estímulo cultural à formação da consciência cívica e mental do homem.

Na sequência, a resistência ao saber oficial era evidente, segundo o mesmo noticiário, Santo Onofre, por empenho reiterado é que transpôs o rio Pelotas, para dar consultas a inúmeros doentes. Do lado divisório gaúcho era incalculável o fanatismo de clientes ao famoso curandeiro. Bem como em Lages, onde morava, tinha a casa e arredores sempre cheios de enfermos. Os fiéis armavam barracões e ranchos. Um verdadeiro acampamento da quantidade de barracas erguidas, para o curandeiro atender diariamente uma romaria de sofredores.

De Cima da Serra, Bom Jesus, Vacaria e Lagoa Vermelha são constantes as idas e vindas de doentes. Ou mensageiros à procura de remédio: está na consciência

pública a convicção de algum poder oculto na arte curativa revelada no humilde e bronco esculápio lageado. [...] Quem uma vez se tratar com ele sai convencido e se torna propagandista e fervoroso. (Ibidem, 11/03/34, fl 10).

A coluna Planalto do jornal *Correio do Povo* apresenta mais notícias de Vacaria, em 15 de março de 1934. Essa edição destaca o momento histórico da denúncia contra o curandeirismo. Sob a influência do dever jornalístico o correspondente Manoel Duarte enfatiza, que Santo Onofre, o famoso curandeiro de Lages e com vasta clientela neste município e no de Lagoa Vermelha, entre outros, dava consulta em globo, a consulentes, reunidos de ponto em ponto, neste lado do rio Pelotas. Na narrativa o jornal também dá conhecimento da representação feita pelo Delegado local do Sindicato Médico, o Dr. Altamiro Krause, ao Promotor Público. A denúncia contra o popular *esculápio ambulante* foi aceita, devendo Santo Onofre submeter-se a processo criminal, no foro da comarca da mesma localidade.⁶ Mais uma vez, clara demonstração de que a comunidade médica dessa região se vê ameaçada pelas práticas de cura alternativas tradicionais utilizadas pelos povos, historicamente. Razão pela qual, a repressão ao exercício ilegal da medicina contou com a colaboração do Sindicato Médico, por se tratar de uma prática sem nenhum conhecimento científico no tratamento da saúde dos romeiros.

Considerações finais

Devido às especificidades de cada caso apresentado, nota-se a importância de abordá-los, visto que todos possuem suas singularidades que correspondem ao modo como cada sociedade compreende o grau dos valores e das crenças. A medicina acadêmica que

questões da doença e cura, vê-se também o trabalho de Cecil G. Herman, 1994.

⁶ Como já observado, não será aqui examinado o processo crime contra o curandeiro Santo Onofre.

foi uma entre as diversas formas de curar imputou à prática do curandeirismo um caráter pejorativo, mesmo disputando o espaço junto os saberes populares. Por isto, é importante trazer à tona novos casos sobre o curandeirismo e estudá-los aprofundadamente, para contribuir com os costumes da cultura popular.

Em uma análise parcial neste artigo, a discussão em torno do tratamento da saúde: de um lado, o curandeiro Santo Onofre inserido em uma comunidade subalterna; por outro, o monopólio da ciência médica pelos doutores acadêmicos. Apesar das críticas ao curandeirismo e às práticas marginais da cura, é possível perceber que a cultura e os saberes produzidos na região de Vacaria e arredores, no Rio Grande do Sul, foi uma reprodução da cultura popular em contraposição a cultura erudita.

Importante ressaltar ainda que, durante as investigações documentais da década de 1930, entre outros agentes nas artes de curar, constatei que Santo Onofre foi mais um curandeiro recorrente em território gaúcho que também foi denunciado por ação criminosa nas suas práticas de cura. Da mesma forma considero que, independente das relações entre a população e os agentes da cura, a categoria médica acadêmica e com a cumplicidade do Estado, através dos aparelhos repressivos, não consegue combater definitivamente as práticas do curandeirismo. Porque, ainda hoje, dentre as dificuldades cotidianas na doença, a população vive a escassez dos recursos financeiros e a insuficiência de tratamento adequado por meios das estruturas públicas.

Referências

CARR, Edward Hallet. *Que é história*. Rio de

Janeiro: Paz e Terra, 3ª edição, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1990.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. *Os rebeldes do contestado: a saga dos caboclos expulsos pela ferrovia da Soutehr Lumber Corporation em SC e PR*. Tchê, 1987

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX*. In: CHALHOUB, Sidney (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003, p. 273-304.

HELMAN, Cecil G. *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é medicina popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SIMÕES, Cláudia M. O. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. et al 4ª ed. - Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1995.

QUEIROZ, Maria I. *O Messianismo do Brasil e no mundo*. Dominus Editora, 1963.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Construção do campo médico (1891-1932): liberdade e regulamentação profissional*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4ª. ed., reimpressão – Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2008.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Imprensa jornalística

Jornal Correio do Povo, publicações em 21.02.1934, fl 3, em 11.03.1934, fl 10 e, em 15.03.1934, fl 8. MCHJC.